ficha 89

Ano II — Lisboa, 1 de Janeiro de 1946 — N.º 10

SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 8 números... 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactores
Manuel António Palma
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94
dos Escoteiros de Portugal

BI-TRIMESTRAL

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

UM ANO!

Passou já um ano sobre a data do início da publicação do «*Sempre Pronto*». Nove números foram publicados, quando em princípio julgávamos só poder fazer sair seis por ano. Ao comemorar este aniversário, não podemos deixar de nos reportarmos à data em que, entusiasmados, faziamos os projectos, os presumíveis orçamentos, os planos de publicação do nosso modestíssimo órgão de imprensa.

Paralelamente aos projectos e ao entusiasmo que nos animava, alinhavam-se as dificuldades de ordem legal, financeiras, gráficas e tantas outras, e ainda os conselhos de amigos dedicados que nos punham de sobreaviso com a ingratidão do trabalho e nos preveniam da pouca oportunidade do momento.

E nós pensávamos: que temos, com que contamos para fazer face a tanta dificuldade? Sòmente entusiasmo e sobretudo Fé. Dobrámos os nossos joelhos pedindo a Deus a sua bênção para a Obra; levantámo-nos certos de que ela não faltaria e não nos faltou!

E que prazer não sentimos quando de Norte a Sul do país, das Ilhas e do Ultramar, escoteiros e não escoteiros, correspondiam ao nosso apelo de colaboração e se punham a nosso lado, de maneira tal que o «*Sempre Pronto*» deixou de ser nosso, deixou de ser do 94, para passar a ser de todos.

Escoteiros e antigos escoteiros, postos em comunhão pelo jornal, connôsco cooperam, jovens e amigos nos auxiliam, e o jornal — jornal de juventude em que os menos novos colaboram — prospera, expande-se, servindo o Escotismo, servindo a gente nova, servindo Portugal.

Nesta hora de festa, todos os que trabalham no «*Sempre Pronto*» agradecem a simpatia e o carinho que lhes tem sido dispensado e manifestam aos assinantes e leitores, colaboradores e anunciantes, delegados, agentes, ao gerente e pessoal da empresa gráfica e a outros amigos o seu reconhecimento pela colaboração dispensada.

O «*Sempre Pronto*» continua a publicar-se. As dificuldades não deixaram de existir, mas a nossa Fé e o nosso entusiasmo não cessaram e, estamos certos, a boa vontade dos nossos amigos também não.

Comemorações do dia da Restauração

No dia 1 de Dezembro findo, deputações dos grupos de escoteiros desfilaram desde a Praça do Marquês de Pombal até aos Restauradores. Junto do Monumento da Restauração encontravam-se o Sr. Presidente da A. E. P. e outros dirigentes associativos que depuseram na base do referido monumento um lindo ramo de flores, perante a saudação dos escoteiros em parada.

A cerimónia foi presenciada por muito público, tendo em seguida o contingente prosseguido o desfile até ao Largo de D. João da Camara, onde destroçou.

SUMÁRIO

Um ano!
Comemorações do dia da Restauração.
Ano Velho — Ano Novo.
Poderá realizar-se este ano um Acampamento Nacional?
Shakespeare, um Gigante da Arte Dramática.—Joel Ribeiro.
Iniciativa.—José Manuel Pereira.
De Escoteiro para Escoteiro, Os escoteiros e a guerra. – Carlos Fernando Garcia.
Inconfidências.—Olho à Coca.
Filatelia.—Carrão.
Tenente-coronel Francisco Pedro Curado.—António Gomes Rocha.
O 12.º aniversário do Grupo n.º 53.
Notícias diversas.
SECÇÃO TÉCNICA sob a direcção de M. Palma
Topografia.
Insígnias de capacidade.
Plantas medicinais.
Receitas úteis.
Agenda do Escoteiro.
Os nossos contos. O escoteiro é generoso e valente.— Manuel Ferreira.
Vida Escotista.—L. M.
Conversando com os dirigentes.—David de Baudouin.
O Natal Verdadeiro.—Joel Ribeiro.
O Nosso Concurso.
Inundações de 18 de Novembro de 1945.
A Voz do Chefe.—Baden Powell.
Atenção! Daqui Algarve.
O 33.º aniversário do Grupo n.º 2.
Coisas do Norte.

Ano Velho—Ano Novo

O ano de 1945 terminou. Decididamente não nos deixa saudades e a posteridade o assinalará como aquele em que terminou (iamos a dizer suspendeu) a maior calamidade e a maior loucura da história, se outra maior os homens, na sua leviandade, não provocarem ainda.

É um momento solene, este do fim do ano. Mesmo involuntàriamente, todos somos levados a pensar nos 365 dias que passaram e nos outros tantos que se aproximam e que, quase inadvertidamente, vamos começar a arrancar ao nosso calendário.

O comerciante aproveita esta oportunidade para fazer as suas contas, verificar se no ano findo os negócios prosperaram e ao mesmo tempo faz o orçamento e estabelece os seus planos económicos para o novo ano.

Parece-nos que podemos imitar

(Continua na 2.ª coluna da 2.ª página)

Poderá realizar-se este ano um Acampamento Nacional?

Do Norte, do Algarve e ainda do Entroncamento pedem-nos, com insistência, que lancemos a ideia da realização, este ano, de um Acampamento Nacional.

A ideia é simpática e sobretudo viável. Não ignoramos que para conseguir tal finalidade seria necessário vencer dificuldades. Mas estas desaparecem logo que se lhes opõem homens de boa vontade e se reúne o esforço necessário para as suplantar.

E onde se realizaria o acampamento? No centro do país? No Norte? Parece-nos que, desta vez, os Escoteiros de Portugal, na impossibilidade de ir aos Açores, deveriam reunir no Algarve, onde nunca se fez um Acampamento Nacional. Quem poderia ficar mais prejudicado seriam os nossos camaradas do Norte, mas, estamos certos, eles, entusiastas como são, deslocar-se-iam com prazer ao sul do continente.

Aqui fica a ideia! Aguardamos a opinião dos nossos leitores e desde já oferecemos a colaboração do «*Sempre Pronto*» aos organizadores do Acampamento Nacional de 1946.

Mas, ainda outra sugestão:

—E se, junto ao referido acampamento, se realizasse uma reunião, género congresso, dos antigos escoteiros de Portugal!...

Ano Velho — Ano Novo

(Continuação da 1.ª página)

o gesto do homem de negócios e dar, também, **balanço** *à nossa consciência.— Que fizemos de bem? que fizemos de mal? e que bem deixámos de fazer?*

Naturalmente a conta de **Ganhos e Perdas** *não nos apresentará um resultado muito favorável. Todo o mal que fizemos redundou em completo prejuízo; todo o bem que deixámos de fazer reverteu em pura perda e... o bem que fizemos não passou do mero cumprimento do Dever. Teremos de estabelecer os planos para 1946, aproveitando os ensinamentos da experiência. Que Deus nos ajude a combater o mal em nós próprios e nos dê forças para cumprir o nosso Dever fazendo o bem. Estejamos certos, o Ano Novo será bom ou mau, conforme bons ou maus forem os actos dos homens.*

* * *

No campo escotista o momento é também muito propício para dar **Balanço**. *Desde o mais novo ao mais velho escoteiro, desde o guia aos mais altos dirigentes, todos podemos movimentar as nossas contas de* **Ganhos e Perdas**. *Que fizemos? Talvez não tenhamos feito nada. Em tal caso não errámos, mas não deixamos de verificar prejuízo e grande. Serão lançados como perda total os resultados das contas de Negligência, Desinteresse, Vaidade, etc.*

Ao contrário: fizemos alguma coisa? Produzimos? Talvez tivéssemos, por vezes, incorrido em erro, mas só não erra quem nada faz! Os **Lucros** *compensarão, certamente, essas perdas eventuais e fecharemos o* **Balanço** *com lucro, pequeno ou grande, mas de harmonia com o nosso* **capital**, *as nossas capacidades.*

Que cada um de nós, feito o exame de consciência, tenha aproveitado as lições do Ano Velho e possa entrar no Ano Novo ciente e consciente do seu Dever.

Shakespeare, um Gigante da Arte Dramática

A literatura inglesa foi consagrada por Shakespeare. Este grande escritor veio engrandecer o património literário mundial com as suas inconfundíveis e inigualáveis peças teatrais, colocando-se entre os maiores génios que têm ilustrado a humanidade.

Através das suas figuras sempre inéditas, que representam todos os sentimentos humanos, observam se os pensamentos mais profundos, engenhosamente traçados.

William Shakespeare nasceu numa pequena povoação de Inglaterra, Stratford-on-Avon. Muito novo começou a trabalhar porque a sua família vivia com algumas dificuldades.

Com 21 anos aproximadamente, Shakespeare abandonou a sua terra natal e foi para Londres onde se fez cómico ambulante. A vida deste escritor, que contém muitos períodos obscuros, transforma se radicalmente em 1859, quando aparece accionista dum importante teatro londrino. Foi nesta ocasião que começou a erguer a sua tão fecunda obra.

Mais tarde dedicou-se a vários negócios e ao falecer em 1616, deixou uma fortuna considerável.

Assim viveu um dos maiores pensadores que o mundo tem conhecido. Das suas numerosas peças teatrais destacamos as seguintes: «Hamlet», «Romeu e Julieta», «O Mercador de Veneza», «O Sonho de uma Noite de Verão», «Otelo», «Macbeth», «O Rei Lear» e «Júlio César». Estas obras-primas e outras mais ainda, tornam o seu autor um gigante de literatura universal.

JOEL RIBEIRO

INICIATIVA

Esta palavra, tão mal sonante para os ouvidos de quem nunca a pôs em prática, está directamente ligada às obras de todo o escoteiro que se preza. Toma-se com ela um pequeno contacto teórico ao receber-se explicação da essência das normas a seguir na futura vida escotista e quando chega a altura de lhe dar execução existe já a certeza e consciência do valor que encerra. Depois passa a ocupar um lugar de relevo nas acções de cada um e não só no que se prende ao capítulo do ponto em que foi aprendida, como a todos os capítulos da existência.

A iniciativa pode ser dividida em dois ramos, congéneres mas distintos: o do dia-a-dia, com reflexão nas mais pequenas coisas e o que se torna preciso para levar a cabo uma obra de vulto, ao qual tem de juntar-se persistência. O primeiro é útil. Quem o observa adquire a decisão e energia que fazem vencer na vida. O segundo é também útil, apesar de muitas vezes ser incompreendido voluntária ou involuntàriamente. E dentro destes dois campos, o da iniciativa momentânea e o da iniciativa persistente, quanto e quantos bons exemplos poderiam ser citados? Vou citar um, o que me levou a abordar este tema, no momento à vista e à mão de todos os leitores: O «*Sempre Pronto*».

Deu fruto a iniciativa criadora deste órgão de um Grupo, representando actualmente o Escotismo Nacional no campo da imprensa, mas poucos avaliam o que de trabalho e maçada não são necessários para que vingue uma obra desta ordem. Só quem lida de perto com as atribulações e encargos dos jornais de tiragem mínima sabe dar-lhes o apreço devido e junto a este apreço, por sabê lo e preciso, um incitamento que muito mais eficaz seria se fosse dado por todos.

O «*Sempre Pronto*» é uma iniciativa persistente e benemérita. Ele mostra-nos actualmente o panorama geral do Escotismo, irmana os Grupos, ensina os escoteiros. Que todos os Grupos bem o compreendam, que todos os escoteiros o acarinhem e difundam, porque o merece, e tão cedo não será necessário a outro Grupo, nem à própria Associação enquanto estiver impossibilitada de o fazer, ensaiar os difíceis primeiros passos de um órgão servindo de traço de ligação entre todos os que são pelo Escotismo.

Terceira.

JOSÉ MANUEL PEREIRA

O «Sempre Pronto» deseja a todos os seus amigos e colaboradores um Ano Novo de Paz e prosperidade.

De Escoteiro para Escoteiro

Os escoteiros e a guerra

Agora que a guerra chegou ao seu término, muito se irá saber em matéria de heroísmos, traições, estratégias, etc.

Alguns casos já vão aparecendo à luz da publicidade, ora prestando homenagem a um soldado que foi condecorado com a «Victory Cross», ora revelando ao mundo exterior os crimes deste ou daquele. Quanto a operações militares, ainda a fogueira está quente para que nela possamos pôr as mãos. Porque assim é, e porque a nossa *opinião* é sempre diferente da dos chefes combatentes só, por agora, nos podemos ocupar daquilo que nos deixam saber.

Não iremos gritar alto que o Escotismo é *isto* ou *aquilo*, que somos capazes de *fazer* e *acontecer*, mas afirmar o que a nossa Família FEZ. Apregoar o que somos capazes, cabe aos nossos admiradores, aos que nos conhecem. Não seria justo que nos estivéssemos galardoando a nós mesmos, apregoando *coisas* e *loisas*, classificando-nos super-homens. Não. O Escoteiro é igual a qualquer outro rapaz, só com a diferença de que prometeu, perante duas bandeiras, amar Deus e a Pátria, proceder sempre como homem consciente dos seus deveres e cumprir a sua Lei— que é, nem mais, nem menos, a Lei do bom cidadão.

Assim, os jornais, na confusão dos comunicados de guerra, das notícias sensacionais, têm dispensado sempre umas linhas para espalhar pelo mundo os feitos dum e doutro rapaz ou rapariga que, orgulhosos da sua farda, têm podido dizer em sua consciência:—Procedi como um escoteiro...

Nas trocas de prisioneiros, nas areias quentes da África sententrional, nos ataques aéreos a Londres, na venda de títulos de guerra norte-americanos ou, por último, fazendo guarda de honra à Estátua da Liberdade—como a guardar a chama perpétua do facho encandescente dessa Virtude—devem ter feito tudo quanto lhes foi possível fazer.

Os factos que chegam até nós, através da rádio e imprensa, são estes. Muitos outros—milhares, milhões—perderam-se no trovão da metralha, nas celas escuras das polícias secretas, nos cestos de papéis dos revisores jornalísticos.

Ainda há tempo, ao falar com uma senhora de nacionalidade belga, ela confirmou as informações que nos têm chegado de quanto fizeram os nossos irmãos escoteiros da Bélgica e Holanda, reunindo pelas cavernas das montanhas, servindo de estafetas das forças de resistência, dando o maior exemplo aos que vacilavam em prestar o seu esforço em favor da Pátria.

Esses rapazes e raparigas já cumpriram a sua tarefa e agora, ao domingo, tal como a senhora nos explicou que acontecera em tempo de Paz, devem passear com as suas fardas engomadinhas, sorridos pelo povo orgulhoso deles.

E mais tarde, quando os seus filhos também pertencerem às nossas fileiras, apontando uma ou outra cicatriz, que a muitos são as medalhas que lhes restam, dirão: — Não foi nada... *apenas um arranhão que fiz quando os aviões inimigos atacaram a nossa cidade...*

CARLOS FERNANDO GARCIA

INCONFIDÊNCIAS

1.º de Dezembro — Pois está claro, meus amigos. Lá estive na parada do 1.º de Dezembro. Fiquei satisfeitíssimo por os Chefes de Grupo terem, na maioria, primado pela ausência. Quando não eram mais os *generais* que os *soldados!*...

Estão a ver 50 escoteiros para tantos Grupos de Lisboa!...

Agora quanto a camisas: Viram aquela formatura das camisas cinzentas? Repararam no contraste com a formatura de caqui?

O conjunto do cinzento da camisa, com o calção preto, o castanho do chapéu e ainda as meias pretas, dá um aspecto triste, absolutamente inadequado para gente nova.

Agora aqui muito em segredo: Gostei de que se fizesse a parada. Com poucos ou com muitos, o que é preciso é fazer as coisas. Sempre ouvi dizer que *barco parado não faz viagem.*

Festa do 53—Lá estive na festa do 53. O 12.º aniversário deste Grupo fica gravado a letras de oiro. Sabem porquê?— Aquele homem que *come muitos bolos* apareceu fardado. Ora ainda bem caro amigo, espero que não seja a última vez.

Gostei da apresentação do 53, mas a rapaziada parece que tem vergonha de mostrar as *perninhas*. Logo que acabou a sessão vestiram todas as calças e sobretudos disponíveis para tapar o fardamento. Vocês não contam com o *olho à coca!*...

Na festa houve um lamentável lapso. A ampulheta que estava em cima da mesa da presidência era muito pequenina de maneira que a sessão foi encerrada por três vezes. Para a outra vez substituam a *ampulheta* por um *cronómetro* que é mais moderno.

Boletim meteorológico—Diminuiu a *pressão atmosférica*. Prevê-se para amanhã *céu de algumas nuvens, vento N. bonançoso* e *temperatura estacionária*.

Ano Novo — Este vosso *indiscreto, importuno* e *fiel* criado continua à *coca*... ou quer dizer às vossas ordens e deseja-vos um Ano Novo feliz e próspero. Sempre vosso.

OLHO À COCA

Escoteiro-Chefe Geral

A Ordem de Serviço Nacional n.º 7 de Novembro p. p., publicou a demissão do Sr. Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior, de Chefe Geral dos Escoteiros de Portugal.

FILATELIA

De forma concisa e assimilável, vamos dar ao nossos leitores alguns apontamentos indispensáveis a quem deseje coleccionar selos. Porém, esclarecemos desde já que as nossas indicações não são destinadas a coleccionadores mas antes, a «principiantes», a quem procuraremos guiar nos primeiros passos, que são em geral hesitantes.

A **Filatelia**—estudo dos selos do correio—propagou-se enormemente em todo o mundo, interessando especialmente os jovens que procuram através dos selos desenvolver o seu grau de cultura.

O nosso país registou uma actividade invulgar em transacções filatélicas, sendo cada vez maior a procura de selos clássicos em Portugal.

A consequência lógica deste incremento de procura do selo português é a falta cada vez maior do material desejado.

Isto vem a propósito para dizermos aos «principiantes» que não devem tentar num momento possuir a colecção de selos de Portugal, não só porque nos parece quase impossível, como ainda porque as dificuldades que se lhes depararíam seriam enormes, e muito capazes de aborrecer o «principiante» a ponto de o fazer abandonar o gosto pela filatelia.

Aconselhamos, pois, a procurar angariar os selos que circulam no nosso país de 1934 até à data e isso julgamos não ser muito difícil, porque durante bastante tempo foram utilizados nos serviços dos correios. Isto no caso de o «principiante» pretender coleccionar selos de Portugal, porque a sua preferência poderá recair igualmente nos selos Coloniais ou ainda nos Estrangeiros.

Antes de terminarmos não queremos deixar de dirigir algumas palavras de incitamento aos jovens escoteiros do nosso país.

Porque não retirais vós, uns momentos das vossas horas de ócio, ou aos vossos entretenimentos favoritos, e não os empregais a coleccionar selos?

Quão agradável e útil seria que as «patrulhas» resolvessem dedicar-se a esse trabalho e que prazer isso não daria aos vossos chefes, que veriam nesse acto uma forma de enriquecer a vossa bagagem cultural.

NOTA—Iremos dando a par dos nossos conselhos os termos mais usuais em **Filatelia.**

Burilagem:—Fundo formado de linhas entrecruzadas, ou paralelas, sobre o qual se destaca o desenho principal do selo.

CARRÃO

Êste número foi visado pela Comissão de Censura.

TENENTE-CORONEL FRANCISCO PEDRO CURADO

Um grupo de companheiros de armas e amigos do valoroso tenente-coronel Francisco Pedro Curado, promoveu em 24 do mês findo, umas cerimónias patrióticas de homenagem a esse saudoso Português. Foram elas, uma romagem de saudade à campa rasa onde, no talhão dos Combatentes da Grande Guerra, no Cemitério do Alto de S. João, está sepultado o corpo desse inesquecível Herói das Campanhas de África, e seguidamente a entrega no Museu Militar, de uma placa de prata com uma comovedora dedicatória, que ficou colocada na vitrina onde se encontra a espada do tenente-coronel Curado.

Todas estas cerimónias decorreram com grande elevação patriótica, e na sala da Grande Guerra do Museu Militar, foram proferidos vibrantes discursos, enaltecendo a heróica acção do saudoso extinto, que foi um Herói, um Valente e um Grande Português.

O tenente coronel Curado teve o seu baptismo de fogo no bem conhecido combate de Coolela (Lourenço Marques) em 1895, sendo ainda muito novo, e desde então o nome tem sido mencionado em inumeráveis relatórios coloniais.

Em Moçambique foi notável a sua acção civilizadora nos anos de 1902 a 1907. Depois em Timor, de 1908 a 1910; seguidamente em S. Tomé em 1911, e novamente em Timor em 1912, onde foi um grande chefe militar.

Na Grande Guerra de 1914-18 teve uma importante acção. Se em toda a parte onde prestou serviço manifestou excelentes e excepcionais qualidades de comando, a sua actuação no comando das forças que guarneciam o forte da Serra Mecula, Moçambique, é daquelas que imortalizam um homem.

Os alemães, depois da derrota das forças portuguesas que guarneciam Negomano, procuraram levar de vencida os poucos soldados landins e mocuas da 21.ª Companhia Indígena Expedicionária de Moçambique, comandados por graduados indígenas e europeus, superiormente chefiados pelo bravo Curado. Foi em 3 de Dezembro de 1917 que os alemães iniciaram um formidável ataque à improvisada fortaleza, e apesar de algumas vezes terem recebido reforços, sete horas depois tiveram de retirar dada a heróica resistência encontrada. Voltaram em 6 do mesmo mês, e então, com grandes efectivos e um elevado número de armas automáticas, fizeram pagar bem cara a sublime resistência dos sitiados. Foi difícil para os alemães reduzir ao silêncio esses bravos soldados, só o tendo conseguido na tarde de 8, depois da morte heróica do saudoso tenente Viriato de Lacerda, e de terem tomado todas as nascentes ou cacimbas que forneciam água para matar a horrorosa sede a esses soldados e que abasteciam os refrigeradores das suas metralhadoras que, quase rebentavam devido ao nutrido fogo que faziam. Então, depois de consumido o último cartucho, o bravo Curado mandou içar a bandeira branca, e preparou-se para receber as forças inimigas. O comandante alemão estava convencido de que vencera um elevado número de soldados, e quando já no interior das posições portuguesas viu os mortos, os feridos e o reduzidíssimo número de combatentes, reconheceu estar em frente de Heróis que tudo merecem, e manifestou a sua admiração pelos soldados portugueses, estendendo a mão ao seu comandante. Depois de enterrados os mortos na presença dos alemães que prestaram as honras devidas aos que sabem morrer pela Pátria, e tratados os feridos, foi oferecida a liberdade condicional ao comandante Curado e seus companheiros, oferecimento que imediatamente foi rejeitado com a altivez daqueles que nunca souberam o que era o medo e muito menos a cobardia, e então o comandante alemão devolveu a esse heróico oficial a sua espada, essa espada bem honrada de militar português, concedendo a todos a liberdade incondicional, gesto que dignifica o vencedor e honra o vencido.

Esta acção heróica do então capitão Curado, muito bem cognominado de «Condestável do Rovuma», foi dois anos depois reconhecida pelo Governo da República com a sua promoção por distinção a Major.

E, se a espada gloriosa do Bravo Francisco Pedro Curado está bem no seu lugar de honra do Museu Militar, o nome desse Herói está inscrito em letras de oiro na História Pátria, e a recordação saudosa do Chefe viverá eternamente na memória de todos os que tiveram a felicidade e a honra de servir sob as suas ordens.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1945.

ANTÓNIO GOMES ROCHA

P. S. — Os jornais de hoje noticiam o falecimento de mais um Herói de África, o major Neutel de Abreu, outro Grande de Portugal. Dedicaremos algumas palavras à memória desse Valente no próximo número deste querido jornal.

O 12.º aniversário do Grupo n.º 53

Conforme anunciámos realizaram-se no dia 1 do mês findo as comemorações do 12.º aniversário deste Grupo. De manhã, no Templo das Janelas Verdes, realizou-se um serviço religioso de Acção de Graças, no qual o Rev. Pinto Ribeiro, comentando a narrativa bíblica da reconstrução das muralhas de Jericó pelo povo hebreu, que edificava os muros ao mesmo tempo que se defendia dos inimigos, fez uma interessante alocução aos escoteiros, aconselhando-os a edificar igualmente a seu carácter em pureza, lealdade e verdade, ao mesmo tempo que vigilantes se deviam defender dos inimigos: o vício, a impureza, o embuste, a mentira, que pretendem destruir o carácter até aos alicerces.

À tarde no salão de festas do *Esforço Cristão* realizou-se a sessão solene comemorativa, a que presidiu o Sr. Presidente da A. E. P. O Chefe do Grupo n.º 53, o nosso amigo Sr. Armando Lino, fez a leitura do relatório das actividades do último ano, foi lido o relatório financeiro, prestaram Compromisso de Honra três escoteiros e foram entregues diversas condecorações.

Foi orador oficial o Rev. Eduardo Moreira que, num tema integrado na educação escotista, descreveu de maneira interessante os êxitos de diversas personalidades da história e contemporâneas que, enfermando de diversos e graves defeitos físicos, conseguiram e conseguem, com espírito de elevada perseverança, vencer na vida e atingir posições que as tornam dignas da nossa admiração. Os factos apresentados calaram profundamente no selecto auditório, onde predominava a juventude, para a qual constituíram uma óptima lição de persistência.

A simpática festa terminou com a canção *Eh! lá* entoada por escoteiros de todos os Grupos que, em grande número, assistiram à sessão.

No dia seguinte, no mesmo local, o 53 ofereceu um suculento almoço a 20 criancinhas pobres.

O «*Sempre Pronto*» renovando as suas saudações ao 53, agradece a difusão feita ao número especial do Dia da Restauração.

Notícias diversas

● Estão de parabéns o nosso amigo Sr. José Marques Serrano, digno Chefe do Grupo 40 de Setúbal, e sua dedicada esposa, pelo nascimento do seu segundo filho, o pequenino Israel, a quem desejamos muitas felicidades.

● Esteve doente a Sr.ª D. Clotilde Ferreira, Chefe dedicada da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal. Desejamos que se acentuem as melhoras já obtidas.

● Internada no Hospital do Rego, bastante doente, esteve a menina Alda Baptista Vieira, filhinha do nosso amigo Sr. António Vieira, administrador do nosso colega *Ecos de Belém*. Fazemos os melhores votos de pronto restabelecimento.

● No dia 8 de Novembro p. p. consorciou-se com a Sr.ª D. Rosa de Miranda o nosso irmão-escoteiro Manuel Mário de Almeida, do Grupo 84 do Entroncamento. Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Escoteiros da Bíblia

No artigo que publicámos no último número, do nosso ilustre amigo Rev. António Pinto Ribeiro, *poisou* uma *gralha*. Onde se lê que Moisés «teve de fugir para a Arábia e viver ali, como simples pastor de ovelhas, *durante quatro anos*» deve-se ler «*durante quarenta anos*». Pedimos desculpa ao nosso colaborador e aos nossos leitores.

SECÇÃO TÉCNICA

Sob a direcção de MANUEL PALMA

Topografia

Levantamentos expeditos

O escoteiro deve estar pronto a poder, sempre que tal necessite, fazer um levantamento topográfico, embora sumário, a que geralmente se dá o nome de croquis.

Havendo no momento presente uma grande dificuldade em adquirir cartas do E. M. na escala de 20.000, dos arredores de Lisboa, aconselhamos aos escoteiros, que façam os seus croquis, que aperfeiçoados e limpos lhes servirão como as ditas cartas, e com duplicado valor, visto serem confeccionadas pelo próprio.

Para se fazer um levantamento topográfico, bem entendido que não vamos usar Teodolitos, nem instrumentos caros, mas sim, pequenos instrumentos feitos pelo próprio escoteiro.

Para hoje aconselhamos um instrumento simples e baratíssimo; e que pouco material leva.

Duas réguas de madeira fina ou cartão e três alfinetes formam o nosso instrumento.

Espetam-se os alfinetes nos extremos das réguas e bem ao meio, de forma a ligá-las como se fosse um compasso.

Usamo-lo da forma seguinte:

No terreno coloca-se a prancheta com papel no local escolhido como a 1.ª estação. Procuramos com o extremo da régua inferior visar um ponto de referência que nos sirva de 2.ª estação. Dirigida a alidade nesta direcção, procuramos com a alidade ou régua superior, visando através os dois alfinetes todos os pontos que nos pareçam importantes para serem marcados no croquis.

Em seguida medimos a distância que nos separa da 2.ª estação, tanto pode ser a passo, como à vara, etc., e marcamos no desenho esta distância em escala. No segundo ponto ou estação visamos com a régua superior os pontos já visados anteriormente e formaremos no desenho uma série de triângulos que terão as suas bases e catetos na relação da distância medida entre os dois pontos escolhidos para a 1.ª e 2.ª e estação.

Este processo não só é fácil, expedito, como rigoroso quando as medidas forem feitas com rigor.

(Explicando)

Para melhor compreensão dos leitores menos versados em geometria aqui damos algumas explicações sobre termos empregados.

Cateto. Se tivermos na nossa frente um quadrado e numerados os cantos de 1, 2, 3 e 4 e juntarmos o 1 com o 3 teremos um triângulo em que 1 e 2 são um lado do cateto e 2 e 3 outro lado do cateto.

Hipotenusa. Se unirmos o canto 1 com o canto 3 a linha que une estes dois cantos chama-se Hipotenusa.

Triângulo equilatero. É aquele que tem os lados iguais.

Triângulo isósceles. O que tem dois lados iguais.

Triângulo escaleno. Aquele que tem os três lados desiguais.

■

Insígnias de Capacidade

Sinaleiro

1.º—Expedir uma mensagem em Morse ou Homógrafo à razão de 24 letras por minuto.

2.º—Receber uma mensagem em Morse ou Homógrafo à razão de 24 letras por minuto à distância de 100 metros.

3.º—Expedir uma mensagem por apito ou lanterna eléctrica à razão de 24 letras por minuto.

4.º—Receber o mesmo.

5.º—Sinalar correctamente por fogueira ou chama e fumo.

6.º—Conhecer os sinais abreviados de Morse e os sinais convencionais internacionais.

7.º—Conhecer os sinais de mímica.

8.º—Conhecer (para escoteiros marítimos) todos os sinais de semáforo e poder usá-los correctamente.

Intérprete

Em língua estrangeira ou Esperanto

1.º—Sustentar uma conversação simples.

2.º—Ler e traduzir correctamente sem dicionário, uma coluna de um livro ou jornal.

3.º—Escrever uma carta sobre um assunto escolhido pelo examinador.

4.º—Ter um correspondente regular entre os escoteiros da nacionalidade de cuja língua se trata, e escrever-lhe pelo menos uma carta uma vez por mês.

■

Plantas Medicinais

Anis (Anis verde ou Erva doce). Aproveita-se-lhe sòmente, como medicamento contra a gastralgia, indigestões e dispepsia, as bagas com as quais se faz infusão de 1 a 2 gramas por chávena.

Cerejeira. Os seus frutos são laxantes e os pedúnculos frutíferos calmantes e diuréticos. Auxilia o funcionamento das vias urinárias e limpa os intestinos. Em decocção, 30 gramas de pés de cereja por 1 litro de água é um óptimo diurético.

Cevada. Em tisana (dois punhados de cevada em 2 litros de água) combate a hidropisia. Côa-se e bebe-se um litro por dia. Em cataplasmas, cozida em vinagre bem quente, combate as dores nas costas.

Também é aconselhada contra a prisão de ventre, torrada e reduzida a pó (café de cevada).

■

Receitas úteis

Tinta, em papel

Molhe-se o borrão com uma solução de cloreto de cal, que se tornará avermelhada e depois trate-se pelo amoníaco. Lave-se com água, enxugue-se e ponha-se a secar.

Como limpar o zinco

Depois de bem enxuto o objecto molha-se um pano de lã em petróleo e esfrega-se muito bem com ele. Torne-se a enxugar e lave-se com água quente e sabão.

Este processo dá um lindo brilho ao zinco.

• • o • •

Distribuição de Prémios do Concurso do «Sempre Pronto»

No dia 19 do corrente, sábado, às 21 ½ horas, de colaboração com os Grupos n.os 53 e 94, realiza-se na sede daquele Grupo, na Rua das Janelas Verdes, n.º 2 (Convento dos Marianos) uma festa, durante a qual serão distribuídos os prémios do concurso no nosso jornal.

Do programa constam variedades, canções e a peça escotista *No Rumo da Lei*.

Os convites podem ser pedidos directamente ao jornal ou nas sedes dos Grupos de Lisboa.

— 20 —

Volumes

Paralelipípedo rectângulo

$$V = c \times l \times a \quad \begin{cases} c = \text{comprimento} \\ v = \text{volume} \\ l = \text{largura} \\ a = \text{altura} \end{cases}$$

Prisma

$$V = b \times a \quad \begin{cases} v = \text{volume} \\ b = \text{base} \\ a = \text{altura} \end{cases}$$

Pirâmide

$$V = \frac{1}{3} S\,a$$

Tronco do prisma

$$V = \frac{1}{3} S \times (a + b + c)$$

— 17 —

Alto mar e não de vento—não promete seguro tempo.

Topografia

Para utilidade dos escoteiros damos algumas fórmulas que os auxiliará a resolver a maioria dos problemas que se lhes deparam em campo.

Cálculo de superfícies

Rectângulo = Sup. = $a \times b$
a = altura
b = base

Paralelogramo = Sup. = $a \times b$
a = altura
b = base

Triângulo = Sup. = $\frac{b \times a}{2}$
b = base
a = altura

OS NOSSOS CONTOS

O escoteiro é generoso e valente

I

Naquela noite, um luar de prata escorria sobre as ruas de Lisboa. No grupo, os rapazes preparavam as comemorações do aniversário, que se realizariam daí a alguns dias.

A meio de uma mesa grande, onde os escoteiros faziam os trabalhos manuais durante as reuniões de patrulha, o chefe disse à rapaziada:

—«Conforme o que foi anunciado na última ordem de serviço, eu farei, na festa do aniversário, uma surpresa. Hoje, vamos desvendar um pouco esse mistério. Na sessão solene, oferecerei uma prenda—claro está que não digo o que é—ao escoteiro do grupo que responda, por escrito, a esta pergunta: Qual a figura da nossa história que melhor personifica o artigo da lei *«o escoteiro é generoso e valente»* ? Seleccionados os trabalhos por um júri de que faço parte, os resultados virão publicados na próxima ordem de serviço. O prémio, como disse, será distribuído na festa do nosso aniversário».

As palavras do chefe causaram sensação no grupo. Todos os rapazes se lançaram, febrilmente, a folhear os compêndios. Deliam-se os miolos, as penas rangeram nos papéis, muitos destes caíram, amarfanhados nos cestos e era de ver-se a corrida às bibliotecas e as perguntas aos senhores professores de história. Os dias passaram, a entrega dos trabalhos fez-se e, no dia da ordem de serviço, viram todos que o prémio tinha saído ao João, simples aspirante, *pata-tenra*, modesto, mesmo muito modesto e em que ninguém até aí havia reparado...

Como o trabalho dele era, de facto, curioso, não resistimos à tentação de transcrever uma parte.

II

—«Generoso e valente ninguém como o Condestável. Neto de D. Gonçalo, o herói do Salado, Nuno Álvares foi um génio militar de extraordinária bravura em Valverde, nos Atoleiros, em Aljubarrota, em Trancoso. Valente como as armas, dele ainda falam as mães para assustarem as crianças espanholas. Recompensado pelo Mestre de Avis que lhe deveu o trono, tornou-se o maior fidalgo do reino até que tomado de desgostos, deixou riquezas e pompas, amortalhando-se em burel grosseiro de frade. Modelo de obediência, passou a distribuir os seus tesouros pelos humildes e pobres de pedir.

E, certo dia de Novembro, assinado o tratado de paz de Medina del Campo, que pôs termo à ambição secular de Castela, Nuno, o Herói, Nuno, o Bom, estava no leito da agonia, rodeado do Mestre e dos senhores infantes, aqueles que iam dar uma era nova a Portugal—a da arrancada de Sagres.

Revivia, naqueles supremos momentos, as suas horas de batalha, os seus triunfos, as suas conversações místicas com Deus, as esmolas fartas dos próprios inimigos de outrora que, acossados da fome, vieram a Portugal implorar caridade. O monge não fizera, contudo, esquecer o general. Lembra-se ainda de ter mostrado que, sob as vestes monásticas, ocultava o arnez e que o seu braço, ao arremeçar o dardo para o outro lado do Rossio, ainda tinha o vigor da tarde sagrada de Aljubarrota.

Cerrando os olhos, entregou-se, calmamente, na mão de Deus. Ao saber da notícia, o povo, pranteou largamente e, depois, deu-se a trovas, em que, após evocar jornadas de glória, recordava:

O gram Condestabre
Em o seu mosteiro
Dá-nos sua sopa
Mai-la sua roupa
Mai-lo seu dinheiro

Santo Condestabre
Gram português
Pelo prol da Pátria
Tudo isto fez (1).

Com estes versos, e arraia miúda não sabia que mais admirar se a bravura incomparável de Nuno Álvares nos campos de batalha, se a sua generosidade de humilde frade carmelita.

Por isso, não há para o escoteiro exemplo de generosidade e valentia como a de Nuno, herói da nossa terra».

III

No dia da festa, João, o aspirante vencedor do concurso, foi contemplado com o prémio que muito agradeceu:—um exemplar ricamente encadernado da *Vida de Nuno Álvares*, do grande escritor Oliveira Martins.

MANUEL FERREIRA

(1) *Nuno Álvares*, por Valério Cordeiro.

IMPRENSA

Semeador Baptista

Com um interessante número duplo publicado em Novembro, comemorou este nosso colega o seu 20.º aniversário. Daqui lhe endereçados as nossas saudações, com os melhores desejos de muitas bênçãos.

The Scout Leader

Recebemos a visita deste mensário, órgão da Boy Scouts Association in Canada. Gostosamente permutaremos e daqui enviamos sinceras saudações.

Ecos de Belém

Com o número 524, o primeiro de 1946, entra no 15.º ano de publicação, este simpático semanário defensor entusiasta das necessidades e aspirações de Belém e freguesias limítrofes e dos interesses das colectividades e instituições das mesmas freguesias. O Escotismo — e em especial o o Grupo n.º 94 — tem encontrado sempre um carinhoso acolhimento no *Ecos de Belém*, que muito nos sensibiliza.

Desejando-lhe novas prosperidades, daqui enviamos saudações ao seu ilustre Director, Sr. João Bastos Nunes, extensivas a todos os seus dedicados colaboradores.

Apolo

Recebemos a visita deste interessante boletim copiografado, órgão da Liga Cultural «Apolo» e dirigida pelos nossos amigos Srs. Edgardo R. Xavier e Carlos Fernando Garcia. Sendo um trabalho de jovens, felicitamos os seus promotores, com os melhores desejos de bom êxito aos objectivos culturais enunciados.

PREZADO LEITOR:

A festa do «Sempre Pronto» realiza-se do dia 19 do corrente.

Trapézio = Sup. $= \frac{B+b}{2} \times a$

B = a base inferior
b = » » superior
a = altura

Polígono regular = Sup. $= \frac{P}{2} \times a$

P = perímetro
a = apótema

Valores indicados:

Perímetro é o valor que se obtém multiplicando o diâmetro de qualquer circunferência por 3,1416 (que é o valor de π, letra grega).

Apótema é a linha que une o centro de qualquer polígono ao centro duma das suas bases.

Perímetro da circunferência

$C = \pi \times D$ $\quad \pi = 3{,}1416$ $\quad D$ = diâmetro

Áreas

Área do círculo

$S = \pi r^2$ $\quad \pi = 3{,}1416$ $\quad r$ = raio

(nota) r^2 ou raio ao quadrado é o valor que se obtem multiplicando r por si mesmo.

Exemplo: $4 = 4^2 = 4 \times 4 = 16$

Sector circular

$s = \frac{r \times \text{arco}}{2}$ $\quad r$ = raio $\quad$ arco = $^o \times$ graus

Elipse $s = \pi\ a\ b$

(a)=horizontal
b=semidiâmetro perpendicular
$\pi = 3{,}1416$
(a)=semidiâmetro maior
(b)=semidiâmetro menor

VIDA ESCOTISTA

Da secção escotista do jornal «A Defesa», de Évora, de 17 de Outubro p. p., transcrevemos, com a devida vénia, este interessante artigo que, apesar de destinado ao Corpo Nacional de Escutas, não deixa de ter a melhor oportunidade nos Escoteiros de Portugal.

Não sei se é por ser extremamente teimoso ou se por me ferir a atenção sempre a mesma chaga do nosso organismo escotista, que volto a ferir a mesma nota, a repisar o mesmo assunto: há Unidades escotistas que morrem inglòriamente, na flor da existência, como tuberculosos que vão definhando, quando ainda havia a esperar delas uma vida longa e um futuro prometedor. Ora isto é um mal que se deve remediar, que com certeza tem remédio, porque há exemplos destas curas, e perante os quais não podemos encolher os ombros e consolar-nos com esta lembrança: *morrem umas Unidades, mas vão nascendo outras, noutras partes!* Se nascem novos Grupos e isto é consolador, mais consolador seria que nenhum morresse, mas todos vivessem pujantemente, pois para todos há lugar ao sol.

E na escala das possíveis causas deste definhamento prematuro de certas Unidades, talvez se possa topar com esta: falta de *Vida escotista*.

É que fazer Escotismo não é arregimentar rapazes, fardá-los, pô-los a marchar, fazer um bivaque e esboçar um acampamento, logo no início da obra, *para os entusiasmar*, precisamente quando eles menos necessitam desse entusiasmo, pois a farda e a novidade da associação já os atrai suficientemente, e depois começar um ram-ram de vida quase de adultos, sem jogos, com instruções maçadoras, talvez raras, e um acampamentozinho, quando já se nota que os Escoteiros aborrecem ou começam a aborrecer aquilo que eles, em calão, chamariam *chatice*.

Não é mentira nenhuma que muitas vezes se chega a certo ponto da vida de um Grupo ou de uma Alcateia, em que os seus dirigentes dão a impressão ou de que estão fartos das suas actividades, ou melhor, parece que se lhes esgotou o assunto escotista, não sabem que ensinar, não podem variar, falta-lhes, ou espírito de iniciativa, ou conhecimento do método escotista. E nesta altura, o rapaz, pode gostar de tudo menos de maçadas, de monotomia, de vida sem vida, começa a abandonar a sede, a desinteressar-se; e, o que um faz, fazem os outros, e assim o Grupo vai a caminho... do seu cemitério, é o seu enterro.

E contudo, se por vezes perguntássemos a esses dirigentes: *O Escoteiros já fizeram os exames de 3.ª, 2.ª e 1.ª classe? — Quantos jogos conhecem? Eles mesmos organizam seus acampamentos de fim de semana, seus bivaques? — São os guias que tomam a iniciativa da instrução de suas patrulhas e bandos? Há concursos de várias espécies?* —, se perguntássemos tudo talvez isto, estas perguntas fossem como que uma revelação para esses Digirentes, e contudo... eles já não sabiam que haviam de fazer! Ora é isto o verdadeiro Escotismo, isto o que se pode chamar *Vida Escotista*. E esta é absolutamente necessária para, com ela, por ela, nela se educar o Escoteiro religiosamente, cìvicamente, em suma, integralmente. E sem esta Vida Escotista, assim compreendida e praticada, o rapaz não se deixa atrair, e por fim vai-se embora.

Escotismo autêntico quere dizer primeiramente *grande actividade, modelada pelo sistema de Baden Powell, dos seus Dirigentes;* essa actividade comunica-se depois aos Escoteiros, e a melhor maneira de eles a compreenderem, de se interessarem por ela, é deixá los, embora devidamente orientados e subtilmente vigiados, tomar parte activa e uma certa autonomia nessa actividade, de forma que o Escotismo dê a impressão de um país, em que o Estado manda, mas precisa da sua escala de governantes, cada qual com suas responsabilidades e seus encargos.

Contaram-me que num pônto de Portugal (não quero dizer o nome da terra), há uma Alcateia de Lobitos: sabem que fazem eles? Simplesmente isto: nos dias da procissão lá na sua *santa terrinha*, vão ao gavetão da sacristia, desenterram de lá as fardas, envergam-nas, fazem um figurão no cortejo religioso e... pronto! Isto é tanto Escotismo como o dos que, de vez em quando, vão à sede, ouvem, a bocejar, umas prelecções do Chefe, fazem umas manobras, *para não se esquecerem do aprendido*, e depois vão namorar a rapariga às escondidas dos pais ou mais pequenos, vão jogar com uma bola de trapos para o ambiente deletério da rua.

Viva-se a vida escotista, plena, verdadeira, bela, e não teremos que lavrar tantos certificados de óbito na história do nosso movimento.

L. M.

Conversando

Com os dirigentes

Excerpto do «ante-sessão» da reunião de Chefes de Lisboa, realizada em 9 de Dezembro p. p.

Meus Prezados Chefes e Amigos:

Pedi-vos na convocação que vos dirigi, para aqui nos reunirmos afim de trocarmos algumas impressões que se nos afiguram urgentes e importantes para os altos interesses do movimento escotista, que todos jurámos servir e abnegadamente desejamos manter e fazer prosperar.

Constituirá porventura a vossa vinda aqui esta tarde uma contrariedade aos vossos interesses e comodidades, e talvez ainda mais, um sacrifício; mas o ser escoteiro é um pesado fardo que todos voluntàriamente aceitámos; contudo em nome do nosso ideal, desculpai o incómodo a que vos obriguei, sem dúvida com boa intenção, e dentro desse espírito aqui me encontro também para servir.

Tem o nosso movimento, organizado associativamente, 32 anos de existência, uma existência acidentada, cheia de obstáculos, de erros e defeitos, que, não só os adversários despeitados ou inconscientes, mas até nós próprios, tão lamentàvelmente lhe temos posto no caminho.

E não quero crer que isso tenha vindo sucedendo com a boa intenção de despertar qualidades ou entusiasmos com a remoção desses obstáculos, ou a exemplo daquele pequenino escoteiro que, estando embaraçado com o dever de praticar a sua boa acção diária, que ele tão ardentemente queria cumprir, não encontrou outra ideia senão a de lançar cascas de laranja na sua esteira, espreitando a queda da sua primeira vítima, para que, prestando-lhe socorro imediato, se lhe deparasse a feliz oportunidade, para ele, de desatar o nó do do seu lenço.

Na verdade temos desperdiçado um precioso tempo em ouvir projectos, sugestões ou alvitres, que, nem sempre correspondendo a uma sinceridade de sentimentos, são na sua maior parte influxos de espíritos individualistas e vaidosos. Estes, ou pretendem merecer uma medalha de mérito, ou conquistar um lugar de destaque onde melhor possam impor as suas ideias como as melhores, a sua técnica como a mais perfeitá, e a sua disciplina como a mais exemplar.

Estamos vivendo uma crise mais, das tantas porque temos passado, mas que com fé e confiança dela havemos de sair vencedores.

Para isso apelo para vós todos que aqui viestes e para todos os Dirigentes e Chefes que estão longe de Lisboa, no Norte e Sul do país, na Madeira e nos Açores, ocupando os seus postos e velando pelo nosso ideal, com todo o zelo e dedicação, que afasteis vaidades e teimosias, trabalhando numa acção construtiva, desculpando-nos mùtuamente as faltas ou erros, que como seres humanos e imperfeitos, todos cometemos. Que quando tiverdes algum pensamento irreflectido ou mal aconselhado, mediteis primeiro uns instantes; lembrai-vos da nossa Lei e do nosso juramento, e da sua voluntária obediência a que todos nos propusemos.

Vamos pois trocar algumas considerações que nos parecem úteis ao nosso movimento; a todos peço e de todos espero a maior correcção de atitudes, a maior sinceridade nas vossas palavras, não deixando lá para fora o que mais oportunamente aqui podeis dizer, e com corações ao alto, no elevado sentimento de construir e aperfeiçoar, sejamos dignos da nossa Lei e dos nossos heróis escotistas, que também os temos.

O Secretário Geral
DAVID DE BAUDOUIN

O NATAL VERDADEIRO

Belém nessa noite apresentava-se com um aspecto diferente daquele que normalmente se encontrava revestida. É que se efectuava por aqueles dias o censo da população e todos os habitantes da comarca tinham acorrido àquela cidade para se alistarem. Por isso todas as estalagens trasbordavam e muitos já não conseguiam arranjar pousada.

Foi assim que, tendo Maria e José chegado à cidade de David, se serviram de uma mangedoura para se abrigarem da noite, à falta de melhor lugar na estalagem.

E nessa noite nasceu a Maria o seu primogénito, o qual foi depositado na mangedoura, envolto em panos.

Assim nasceu o Messias, aquele que vinha dar a conhecer ao mundo o perdão, o amor e a humildade e ao qual os pastores e os sábios do oriente vieram adorar.

Por isso Maria e José se alegravam e compraziam no Menino.

* * *

Foi assim o primeiro Natal, o Natal que há poucos dias se comemorou. Em quase todos os lares a família se reuniu na mais perfeita confraternização. Em muitos esqueceu-se o valor e a solenidade do dia, mas noutros foi lembrado, não o Menino Jesus deitado nas mangedouras, mas o Messias, o Príncipe da Paz, aquele que ensinava ao povo as mais lindas palavras de amor pelo próximo, o que curava os enfermos e que trazia mensagens de paz e de perdão e que dera a sua vida pela salvação de todos os homens, aquele por quem os anjos haviam cantado: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra e boa vontade para os homens».

Como é triste pensar no desprezo a que a humanidade votou as palavras do Mestre, e tenha novamente pegado em armas para matar o seu igual, a contradizer as palavras de Jesus, que disse: «Amai-vos uns aos outros» e «Fazei aos outros aquilo que quereis que os outros vos façam».

Felizmente o último dia de Natal foi passado em paz e este facto foi a nota alegre do dia. Se bem que ainda não estão juntos de suas famílias todos os combatentes da guerra que agora acabou, já não há naqueles lares tanta ansiedade e preocupação. E assim a Paz veio coroar esse dia com o seu ambiente verdadeiro e dar-nos oportunidade de considerarmos os benefícios da amizade e cooperação entre os homens, e os desvaires que a desordem e a guerra produzem.

Ao principiar o ano de 1946 o nosso desejo é que se calem os últimos clamores das batalhas, para que este ano o mundo possa comemorar da melhor maneira o nascimento do Messias, com um Natal verdadeiro, — um Natal de Paz e de Alegria.

JOEL RIBEIRO

O Nosso Concurso

Com o n.º 9 terminou o concurso do «*Sempre Pronto*»! É o momento oportuno para prestar homenagem à solicitude de todos os Grupos em colaborar nesta iniciativa. O concurso interessou à margem dos prémios, apesar de valiosos. No dia 19 do corrente, na festa que vamos realizar e a que noutro lugar nos referimos, vamos proclamar e prestar homenagem aos vencedores e no próximo número publicaremos as classificações e as prometidas fotografias.

Dos n.os 8 e 9 foram vendidos os seguintes exemplares:

NORTE		
Grupos n.os	Exemp.	Exemp.
4	20	20
15	40	40
44	20	20
91	28	28
LISBOA		
Grupos n.os	Exemp.	Exemp.
2 Publicidade	45	45
2	25	100
21	6	—
53 Publicidade	—	170
53	20	50
99	5	5
D. A. F.	6	6
ALGARVE		
Grupos n.os	Exemp.	Exemp.
6	20	20
60	53	60
77	11	15
40—Setúbal	5	5
52—Angra do Heroísmo	20	20
67—Seixal	12	12
80—Ponta Delgada	50	50
84—Entroncamento	45	50
93—Sintra	20	20

Os prémios, que serão distribuídos no dia 19, são:

1.º Prémio

Uma bola de couro para voleibol, oferta da conceituada **Casa do Desporto**, da Rua da Madalena, 196, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos de desporto.

2.º Prémio

Um taboleiro para jogo das damas, em boa madeira, com as respectivas pedras, oferta da reputada **Casa Spril**, da Rua do Loreto, 34, 2.º em Lisboa, fornecedora de artigos de sport e jogos.

3.º Prémio

1 balde de lona para água, modelo pirâmide rectangular, com bico, oferta dos reputados fornecedores de artigos de campismo, **Vitorino de Sousa, L.da**, na Rua dos Correeiros, 200 e 202 em Lisboa.

4.º Prémio

A obra de Júlio Dinis **Uma Família Inglesa**, em dois óptimos volumes, edição ilustrada, oferta da **Livraria Bertrand**, da Rua Garrett, 74, em Lisboa, uma das mais importantes casas editoras do país.

5.º Prémio

A obra **De Marçano a Milionário**, por Augusto Santa-Rita, oferta do «*Sempre Pronto*».

6.º Prémio

A obra do Dr. P. Good **Higiene e Moral**, oferta da Biblioteca do Grupo 94.

Inundações de 18 de Novembro de 1945

Amigos do escotismo, entre eles um sapador-bombeiro, informam-nos que os escoteiros prestaram serviços relevantes por ocasião das inundações que se deram em Lisboa na manhã de 18 de Novembro último. Sabemos, por informações particulares, que os escoteiros do Grupo 17 se distinguiram. Dos Grupos não recebemos qualquer comunicação.

Se é certo que apreciamos o espírito altruísta dos nossos camaradas que não desejam fazer propaganda dos seus actos, não estamos, no entanto, de acordo com a sua atitude. Que se escondam os nomes dos escoteiros que prestaram os seus serviços, está certo e é muito escotista, mas é necessário, a bem do Movimento, que não se esconda o que **os Escoteiros fizeram**, para que o público saiba que os rapazes que passam de *chapéu de abas largas e calção*, aparentemente despreocupados, estão *sempre prontos*, hoje como ontem, a servir o seu semelhante, em todos os casos, mesmo naqueles de maior perigo.

Isso servirá para prestigiar a organização e para comprovar — se tal fosse necessário — que a educação escotista continua a formar homens de boa vontade, que amam a Deus, servindo o próximo.

Outras ocasiões, tem chegado ao nosso conhecimento, por intermédio de pessoas que os presenciaram, acções nobres praticada por escoteiros e, como agora, os Grupos guardam silêncio. Já nos primeiros anos do Escotismo, actos de verdadeiro heroísmo, se perderam no esquecimento, por apenas os conhecerem três ou quatro testemunhas. E o resultado é que tendo o Escotismo, como todas as obras boas, adversários, aproveitam o nosso bem intencionado silêncio para nos considerarem incapazes de tais cometimentos.

Um nosso colaborador está procurando reunir nas colunas do «*Sempre Pronto*», sob o título «Foi assim mesmo», actos de abnegação praticados por escoteiros e esperamos que os nossos leitores virão em seu auxílio, dando-lhe informações de factos que sejam do seu conhecimento.

A Voz do Chefe

Os Escoteiros não Fumam

.....

Para um rapaz que está ainda em crescimento, o tabaco é um verdadeiro veneno porque lhe enfraquece sempre o coração, e este é uma espécie de bomba que recebe o sangue e o impele através de todos os canais ou artérias até aos mais pequenos recantos do nosso corpo; o sangue serve para fabricar os ossos, a carne e os músculos, que fazem os homens sãos e fortes.

Um coração enfraquecido pelo tabaco ou por outras causas não é capaz de impelir o sangue convenientemente, de maneira que o rapaz não se desenvolve, não se tornando vigoroso. Cansa-se, fatiga-se fàcilmente, a sua nutrição não é conveniente, tem dores de cabeça e a sua vista enfraquece; mais tarde não será mais do que um pobre espectro enfezado, em vez de ser um homem forte, activo e bem disposto.

Nenhum de vós começou a fumar por prazer—porque o tabaco tem um gosto detestável até que a ele se tenham habituado, deixando-vos magros *como um cão*. Mas os rapazes são tão dóceis, têm vergonha dos remoques dos seus camaradas, suportam náuseas e dissabores, só para mostrar que procedem *como homens*. Julgando ser muito viris, passeiam vaidosamente pelas ruas com o cigarro ao canto dos lábios; mas o homem que os vê toma os, simplesmente, por imbecis.

Foi votada em Inglaterra uma lei para impedir os rapazes de fumar, porque isso é mau para a sua saúde, e se o rapaz for encontrado a fumar pode ser preso e castigado, o que é uma boa coisa para os tolos. Mas o rapaz sensato, que tem a coragem das suas opiniões, vendo o mal que lhe pode fazer o fumo, não é tão estúpido que se deixe tomar por esse mau hábito.

Os escoteiros não fumam. Selous nunca fumou, nem Burnham, o o grande escoteiro americano, bem como muitos outros que podia nomear. Sabendo que o uso do tabaco enfraquece a vista, dando um hálito desagradável, afectando o olfacto, que é importante para a actividade do escoteiro, especialmente para as missões de noite, onde tem de confiar no olfacto, tanto como no ouvido e na vista, para se orientar na obscuridade.

.....

O Capitão John Smith, um grande escoteiro dos tempos passados, apesar de estar explorando as regiões da Virgínia, passou quatro anos sem fumar como os companheiros, porque via o mal que isso lhe podia fazer. Pouco depois uma lei proibiu os professores de fumar, visto o mau exemplo que isso dava às crianças.

Numa escola, em Chigwell, em 1629, exigia-se que o professor não fosse «nem alcoólico, nem frequentador de *cabaret*, nem fumador».

BADEN POWELL

Traduzido da Obra «Les 1001 activités de l' éclaireur».

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

No passado 27 de Novembro foi dia de grande festa no Entroncamento por motivo da elevação da freguesia a sede de concelho. Pelas 15 horas daquele dia, todas as sereias das fábricas, apitos das locomotivas ali estacionadas, automóveis e sinos, tocaram festivamente acompanhadas por dezenas de foguetes, em comemoração do acontecimento. A banda do nosso Grupo rompeu em marcha pelas ruas da Vila tendo-se formado um cortejo de mais de 3.000 pessoas que se dirigiu à residência de Sr. José Duarte Coelho, presidente da Junta de Freguesia (e também Presidente do nosso Grupo), que foi muito aclamado pelos serviços prestados a esta terra.

Aguarda-se com ansiedade a inauguração do edifício da Câmara, em cujas dependências ficará instalada a sede do 84.

Dia da Restauração

Na manhã do dia 1.º de Dezembro o Grupo com a sua banda desfilou até ao Jardim-Parque, em cujo mirante se procedeu ao içar da bandeira nacional, tendo regressado à sede novamente em formatura.

Movimento de Escoteiros

Regressou de novo ao Grupo o E. S. Sr. Abel dos Santos, que esteve ausente a cumprir serviço militar.

No número 8 do nosso jornal dizíamos ter regressado ao 84 o E. S. Sr. António Rosa Bernardes, quando deveramos ter dito Sr. António Rosa Bernardino. Pedimos desculpa do lapso.

Desastres

Sofreu um pequeno desastre no trabalho o nosso Chefe Sr. João Amorim. Felizmente encontra-se já restabelecido. Também se encontra em tratamento, por idêntico motivo o nosso camarada Luís Guedelha. Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

O nosso camarada Eduardo Guia, irmão do Chefe Amorim, sofreu um grave desastre no trabalho tendo caído dum andaime da altura de 10 metros, pelo que se encontra internado em estado grave no Hospital de S. José em Lisboa.—C.

N. R.—O «*Sempre Pronto*» lamenta o desastre sofrido pelo nosso irmão-escoteiro Eduardo Guia e faz votos pelo sem completo restabelecimento.

DE SETUBAL

GRUPO N.º 40

Em consequência da visita que por iniciativa do nosso jornal, os Grupos de Lisboa n.ºs 2, 79, 94 e 99 fizeram a Setúbal, o Grupo 40 iniciou uma nova fase de actividade, tendo encorporado diversos aspirantes. Alegra-nos verificar que em resultado da nossa visita e da propaganda feita, o 40 prospera, esperando que, dentro em breve, os novos aspirantes possam prestar Compromisso como Escoteiros de Portugal.

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Com a nova Sede, o «60» entrou numa vida nova.

Todas as noites ela se encontra aberta para os escoteiros, onde, além das aulas de leitura para os menos cultos, têm duas vezes por semana instruções de segundas classes.

As patrulhas reúnem em dias alternados, sendo as reuniões gerais do Grupo todas as sextas-feiras.

Os lobitos reúnem às quintas-feiras, sob a direcção de duas camaradas da D. A. F., e o resto é tomado em leitura, jogos, exercícios, provas práticas ou... ligando a telefonia para qualquer estação mais do agrado da rapaziada.

E assim, na sede, nos sentimos felizes, porque ela é a «NOSSA CASA», foi ornamentada por nós, e não a trocaremos por outra.

1.º de Dezembro

Esta data inolvidável no coração de todo o BOM PORTUGUÊS, foi solenemente comemorada pelo nosso Grupo, que percorreu as principais ruas da Vila, bandeiras desfraldadas ao vento, rostos erguidos, num passo certo e cadenciado, entoando canções escotistas-patrióticas em homenagem aos heróis que anos atrás nos deram a Independência.

Recebemos nesse dia a visita do Inspector Regional, que esteve apreciando as nossas instalações, e em formatura geral falou aos escoteiros.

À noite o Chefe do Grupo dissertou sobre a data comemorada.

D. A. F.

No dia 2 de Dezembro, as duas equipas da D. A. F., desta localidade, realizaram um passeio perto do Farol Semafórico, onde acompanhadas pelos dirigentes do «60», se exercitaram em homógrafo e seguiram uma pista através da Mata.

Biblioteca

A exemplo dos nossos camaradas de Olhão, estamos lançando uma campanha para uma «BIBLIOTECA POPULAR».

Já enviámos centenas de circulares pedindo livros.

Algumas das pessoas a quem nos dirigimos, remeteram-nos vários volumes dos melhores escritores contemporâneos.

LOBO DO GUADIANA

Grupo n.º 77 — Faro

Faleceu nesta cidade o escoteiro, Constantino Mendonça, fundador deste Grupo, O funeral que se realizou no dia 30 de Setembro findo, foi muito concorrido, tendo o Grupo enviado uma deputação sob a direcção do seu Chefe. À família em crepes apresentamos sentidas condolências.—C.

UM INQUÉRITO

O *Sempre Pronto* agradece, aos mais antigos irmãos-escoteiros, o favor de suas informações àcerca das seguintes perguntas:

1.º—Qual foi o primeiro jornal escotista português e quem foi o seu Director.

2.º—Quais foram, por ordem cronológica, os jornais escotistas que se lhe seguiram.

O 33.º aniversário do Grupo n.º 2

O Dois, «velho dois» como já nos habituámos a dizer, efectuou no dia 16 do mês findo o almoço de confraternização, comemorativo do seu 33.º aniversário, que se realizou no Restaurante Suíço.

Na presidência sentou-se o Sr. Capitão Afonso dos Santos, presidente da A. E. P. e entre os numerosos convivas contavam-se os Srs. David Baudouin, Quintino Pinheiro, Albano da Silva, Edmundo de Matos, Ascensão Cardoso, António J. Ribeiro, Luís Alves Miguel, Conde Ribeiro, Lopes Ramos, Victor Amoêdo, Santos Lapa, António Mendonça, Alvim Leal, Aurélio Bravo, Tavares Moreira, Madeira Leitão, Luís António Santos, Almerindo G. Fernandes e Sá Viana, Chefe do Grupo; Eduardo Ribeiro, nosso Director e muitos outros antigos e actuais escoteiros, cujos nomes não nos ocorrem.

Aos brindes usaram da palavra o Sr. Capitão Afonso do Santos, Quintino Pinheiro, Edmundo de Matos, que teceram entusiásticos louvores à Obra realizada pelo «2» através dos seus 33 anos e salientaram a necessidade de criar a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. Então, usou da palavra o Sr. David Baudouin, Secretário Geral da A. E. P., anunciando que o Sr. Presidente da A. E. P., tomando em consideração os votos expressos pelos oradores antecedentes, convidava os Srs. Luís Alves Miguel, Edmundo de Matos, Quintino Pinheiro, Santos Lopes, Conde Ribeiro e Mariano Lapa a constituirem a Comissão Organizadora da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, proposta que foi aceite por aclamação.

Falou então o nosso Director que ofereceu à Comissão agora organizada os serviços do «*Sempre Pronto*» e, lembrando que o Grupo n.º 1, velho companheiro do «2» nas lides escotistas, tinha já sido citado diversas vezes, propunha que em nome dos antigos escoteiros presentes se pedisse ao Sr. Baudouin que transmitisse aos Serviços Centrais o desejo de que se envidassem os melhores esforços para a reorganização do Grupo n.º 1, o que foi aceite por aclamação.

Procedeu-se em seguida à imposição da 33.ª estrela na bandeira do Grupo. O Chefe Sá Viana empunhou a bandeira e o escoteiro mais antigo presente, o Sr. Alves Miguel, colocou a respectiva estrela, tendo proferido algumas palavras a propósito.

O almôço terminou entre manifestações de fraternal camaradagem, não sem que o Sr. Victor Amoêdo recordasse velhos tempos, cantando, acompanhado por todos, tal como acontecia outrora, *a calhandra*.

Felicitamos sinceramente o Dois por mais esta reunião dos seus antigos escoteiros. Sabemos que o Chefe Sá Viana pretendia que fossem escolhidos no almoço os elementos que deveriam compor a Comissão de Patrocínio do Grupo e não teve oportunidade para isso. Mas não tem que hesitar. É escolher os elementos, fazer o convite, que nenhum dos velhos camaradas do «Dois» recusará.

Coisas do Norte

Escoteiros do Norte:

Um ano de sacrifícios e de canseiras passou; outro se vai seguir e, de antemão, já esperamos novos sacrifícios e novas canseiras, mas, como verdadeiros escoteiros, marchamos de corações alegres, erguendo bem alto o pendão da Flor de Lis, símbolo que sintetiza a mais uniforme obra de educação: o Escotismo.

É necessário porém que nenhum escoteiro deixe de compreender qne o seu esforço, por mais insignificante que pareça é útil para a vida do «*Sempre Pronto*». Assim, vamos lançar a ideia, de muito em breve realizarmos o «Dia do Sempre Pronto» de forma a podermos mostrar duma maneira convincente o quanto estimamos e desejamos ver «maior» o nosso querido jornal «*Sempre Pronto*». Vamos, pois, Escoteiros do Norte, ter ocasião de mostrar a nossa simpatia pela grandiosa iniciativa que os nossos irmãos-escoteiros do «94» tiveram.

PENA D'ÁGUIA

NOTÍCIAS

Grupo 4

Sabemos que este Grupo, continua a desenvolver grande actividade.

Grupo 15

Êste Grupo tem, de uma forma notável, trabalhado no arranjo da sua sede, o que, sem dúvida, a poderemos classificar com a mais apresentável da Região do Norte.

Todos os escoteiros debaixo da orientação do Chefe Sr. Veludo Gouveia, têm-se dedicado a obtenção das mais diversas especialidades.

Grupo 44

Continua de forma activa com os seus trabalhos.

ADMINISTRAÇÃO

Tiveram a gentileza de nos enviar as importancias de suas assinaturas, os seguintes amigos, a quem ficamos muito reconhecimos pelo bom serviço que nos prestam:

Sr. Joaquim Tavares da Silva
» Armando Gomes Oliveira
» Raúl Costa
» Manuel Henriques Veras
» Francisco Gonçalves
» Prof. Fausto Salazar Leite
» Paulo A. Namorado Ramalheira, da Curia

Grupo n.º 79 dos Escoteiros de Portugal
Sr. Álvaro da Rocha Rodrigues
» João Chaubert Alves
» Humberto de Vasconcelos.
Grupo Campista «Pax-Júlia
Núcleo Campista do Estoril
Sr. António Castro Lobo Carvalho
Patrulha «Cão» do Grupo n.º 79
Sr. Rui Martins Fernandes
» Capitão Joaquim Duarte Borrego
» João Madeira Leitão
Sr.ª D. Mariana Augusta Cruz.

O Temporal em Olhão

A laboriosa vila de Olhão onde o «*Sempre Pronto*» conta muitos amigos e assinantes, acaba de sofrer, no dia 21 do mês findo, um forte temporal que causou elevados prejuízos. Sabemos que os nossos irmãos-escoteiros daquela localidade prestaram grandes serviços naquelas horas difíceis, tendo dado guarida expontaneamente a 34 pessoas nos edifícios da Sede e Biblioteca.

No domingo dia 23, aproveitando o desafio de futebol que se realizou em Olhão, os nossos camaradas do Grupo 6 organizaram um peditório a favor dos sinistrados.

Não recebemos ainda notícias pormenorizadas da acção dos escoteiros, no entanto, sabemos já que, mais uma vez, se portaram à altura do seu lema — *sempre pronto*. Por isso os abraçamos, lamentando a triste ocorrência.

«Casa Mãe da Gaiata de Lisboa»

O Grupo n.º 60 de Vila Real de Santo António, correspondendo ao apelo do «*Sempre Pronto*» enviou-nos a quantia de Esc. 147$00 para auxílio daquela benemérita obra. A respectiva importância foi já entregue à Sr.ª D. Clotilde Ferreira, dirigente daquele organismo e Chefe dedicada da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal.

ESCOTEIROS E CAMPISTAS



Visitai a casa VICTORINO DE SOUSA, L.DA

onde encontrareis artigos do vosso desporto aos melhores preços

RUA DOS CORREEIROS, 200-202 / LISBOA

TELEFONE 27458

SELOS

COMPRAMOS

por bons preços selos clássicos de todos os países.

Procuramos especialmente selos do BRASIL (Império).

A. MOLDER

R. 1.º DE DEZEMBRO, 101-3.º / Telef. 2 1514

O 13.º Aniversário do Grupo n.º 80 do C. N. E.

Este aniversário foi solenemente comemorado no dia 23 de Dezembro findo com uma sessão a que presidiu o Sr. Capitão Godinho, Chefe Regional de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas, que fez uma brilhante palestra subordinada ao tema — Pedagogia Escotista.

Pelos escutas presentes foi entoado o hino do C. N. E. *Radiosa Floração* e o Grupo 80 apresentou a peça escotista «Uma visita de Baden Powell» e diversas canções e anedotas.

Estiveram representados os Grupos 53 e 94 da A. E. P. que saudaram o Chefe do 80 com *Para mim és um bom companheiro*, correspondido pelos escutas com um *Tudo* aos referidos grupos e ao nosso jornal, representado pelo nosso redactor Ernesto Leitão.

A sessão terminou com o Hino Nacional.

Sociedade de Papelarias Artex, L.da

Papelaria / Tipografia / Encadernação

OBJECTOS PARA BRINDES

LIVROS DE ESCRITURAÇÃO COMPLETO SORTIDO EM MATERIAL PARA DESENHO E ESCRITORIO / LIVROS DE ESTUDO E MATERIAL ESCOLAR

85, Rua Nova do Almada, 87
Telef. 2 6656
LISBOA

Um "Jamboree" a realizar este ano na Suécia

A Associação dos Escoteiros Suecos convidou os Escoteiros de Portugal a tomar parte com um contingente de 30 escoteiros no seu grande acampamento internacional em Gränsö, numa península perto da cidade de Wätservik, a 160 quilómetros a sudoeste de Estocolmo, a realizar de 12 a 22 de Julho deste ano.

A despesa de estadia é de 24 corôas suecas por pessoa, sendo o acampamento patrocinado pelo Príncipe Gustavo Adolfo, dedicado dirigente escotista.

O Chefe de Campo será o E. C. Folke Bernardotte e Chefe para os Grupos convidados o Comissário internacional E. C. Sten Thiel. O efectivo do acampamento está calculado entre 8.000 a 10.000 escoteiros e estão asseguradas grandes reduções nos preços dos caminhos de ferro suecos.

FRANCISCO FINO, L.DA

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS DE PORTALEGRE

RUA 1.º DE MAIO

TELEFONE 103

PORTALEGRE

DE CARCAVELOS

Tendo fixado novamente residência em Carcavelos o Sr. Engenheiro Jorge Brotas Cardoso, antigo Chefe do Grupo 16, o Chefe em exercício Sr. António Viegas Custódio, num gesto que o nobilita e de verdadeiro escoteiro, pediu a demissão e convidou o Sr. Engenheiro Brotas Cardoso a reassumir o cargo de Chefe do 16.

Abraçamos o nosso camarada Viegas Custódio pelo seu elevado espírito escotista e apresentamos as *boas-vindas* ao novo Chefe, com os melhores votos de prosperidades para o Grupo 16.

A PRESTAÇÕES SEM FIADOR



Lindos candeeiros de tecto e mesa, ferros de engomar, radiadores, APARELHOS DE T. S. F., etc.

Lâmpadas de todas as marcas. Lanternas de algibeira próprias para campo

DESCONTOS A ESCOTEIROS

ELECTRO - BRILHANTE
RUA DOS FANQUEIROS, 187 — LISBOA

M. Simões Jr. OFICINAS

Rua da Conceição, 46, 1.º
Telefone 2 1672
LISBOA

DIRECÇÃO TÉCNICA DE
QUINTINO PINHEIRO

HERMES

OFICINAS PRÓPRIAS PARA REPARAÇÕES DE MÁQUINAS DE ESCREVER, CALCULAR E SOMAR, MANUAIS E ELÉCTRICAS, DUPLICADORES, ETC.

CONTRATOS DE LIMPEZA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Máquinas de escrever «HERMES», de calcular «MADAS», de somar «ADDO», duplicadores «PRINTA»

ALMOÇOS
E JANTARES
À LISTA

Café, Brandies,
Licores,
Vinho do Porto,
Tabacos, etc.

RESTAURANTE

GALO

Rua da Madalena, 48-50
LISBOA

ESPLÊNDIDO SERVIÇO DE RESTAURANTE

DESCOBERTA SENSACIONAL.

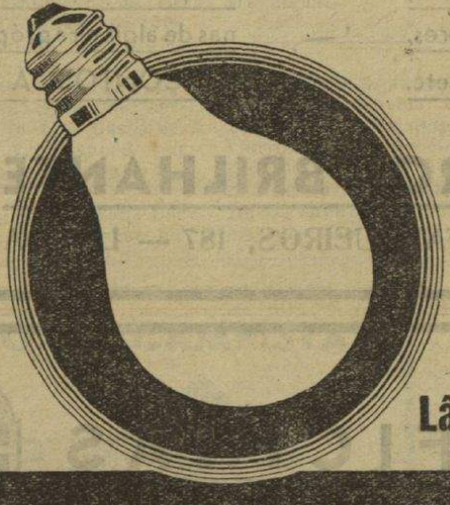


Foi a do CASULO LIMPA FATOS

Em cujo fabrico entram seis substâncias químicas inofensivas. É um conjunto admirável! Dá o aspecto de novos aos fatos velhos, tirando-lhes o mau cheiro. Renova e conserva os tecidos. Tira as nódoas e o lustro. Limpa e desinfecta. Cada pacote dá para 1 litro de soluto e custa só Esc. 2$50. Em tôdas as drogarias do País.

REVENDA
SCHROETER & ALMEIDA
RUA DA MADALENA, 128, 2.º
LISBOA





PHILIPS

Lâmpadas de grande categoria

luz clara e abundante
economia de electricidade